

**HOMENAGEM A FRANCISCO LUCAS PIRES  
POR OCASIÃO DO 20º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE**

22 de maio de 2018 das 14:30 às 19:00  
Fundação Calouste Gulbenkian, Auditório 3

Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa (*Prof. Doutora Isabel Capelo Gil*), Cara Amiga Isabel  
Senhor Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (*Prof. Doutor Rui Figueiredo Marcos*)  
Querida Teresa, Jacinto, Rafael, Martinho e Simão e restantes  
Membros da família do Francisco  
Caros Colegas  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Há vinte anos que perdemos Francisco Lucas Pires, figura ímpar do nosso movimento democrático.

Nesta ocasião não posso também deixar de prestar uma homenagem a outro grande português – António Arnaut - que ontem nos deixou e que é indissociável de um dos principais marcos da nossa democracia que é o sistema nacional de saúde.

A ambos Portugal muito deve.

---

O tempo deu razão a Francisco Lucas Pires. Compreendeu como poucos que a cultura tem uma importância crescente na vida social e política. E por isso afirmou que a Europa devia construir-se pela compreensão da complexidade e da capacidade

criadora, ligando economia e sociedade, cultura e ciência, comunicação e tecnologia.

Trata-se, no fundo, de pôr as questões da sociedade e da democracia antes das questões do mero poder.

Conforme Lucas Pires muito bem alertou, em 1995, e cito, «A cultura europeia é pluralista, mas o pluralismo só não será desordem dentro de uma unidade maior. É certo que a cultura europeia é dinâmica e renovadora, podendo mesmo criar novos cismas, (...), mas, em princípio, trata-se sobretudo de um processo de autocrítica (...). Fortalecer uma “consciência comum” não é, aliás, empobrecer o pluralismo e o dinamismo da cultura europeia, pois esses são processos intrínsecos a ela própria».

Longe da ideia de uma identidade europeia harmonizadora ou de uma lógica de uniformidade, falar de Europa é, assim, referirmo-nos à complexidade, a uma realidade plural e aberta, não confundível com um bloco monolítico, diferente das nações e dos povos que a constituem.

Daí que a legitimidade europeia seja de Estados e de povos. Claramente só uma forte **vontade comum** ajudará a ultrapassarmos o profundo mal-estar hoje sentido, de modo a superar o fosso entre as instituições europeias e as pessoas.

Pensando no futuro, em 1993, Francisco Lucas Pires alertava-nos: «na passagem do milénio, alguns julgam ver mesmo a promessa de um novo século europeu, embora tal passagem seja crítica e os pessimistas não excluam uma nova noite do continente. Seja como for, a Europa ocupa de novo o centro e a vanguarda da história, desta vez, porém, com mais espírito de

competição do que de domínio – no hemisfério norte – e de mais solidariedade do que tutoria – no hemisfério sul».

O tempo veio a confirmar as dúvidas, bem como os desafios e as esperanças.

Continente de contrastes unido pelo conteúdo, acessível, recortado, temperado, em que a variedade é a regra, «a Europa não é uma Babel nem uma terra de ninguém». Terra de conflitos e de contradições, de guerras civis, de competição e de combate, alberga uma constante procura de equilíbrio e de síntese, como alias a história nos tem demonstrado.

Em lugar de conceber o futuro europeu como resultado de uma dialética entre a política e a economia, Francisco Lucas Pires soube incorporar os vários ingredientes relevantes, desde o poder até à capacidade humana de abranger solidariedades e conflitos, angústias e esperanças. A importância da livre circulação das pessoas e da cidadania europeia, a aposta da criação de uma sociedade civil europeia ganham, assim, uma importância crucial. Deste modo a «nossa identidade» afirma-se «numa comunhão e abertura, diversificada e ampla, quase ecumenista, tolerante, até ao extremo paradoxal de teorizar a minoria».

Daí a atenção a uma simbiose entre identidade e diferença e a uma visão aberta e ativa da tradição.

Nos dias de hoje, em que uma Europa alargada coloca ainda mais em evidência a ausência de uma vontade comum e em que já não somos seguramente o centro do mundo, há que tomar consciência que só aproximando os povos em torno de um desígnio partilhado poderemos retomar o projeto Europeu.

O tempo deu razão a Francisco Lucas Pires.

Num mundo dominado pela complexidade e pela incerteza, importa compreender que o Estado é hoje grande demais para responder às questões locais e pequeno demais para corresponder às questões globais. Daí a importância da subsidiariedade como pedra angular da construção europeia.

Precisamos de menos burocracia e centralização e de mais responsabilidade dos cidadãos. Precisamos de menos rigidez e de mais flexibilidades no diálogo e nas práticas. Precisamos de menos improvisado e de mais capacidade de prever e de prevenir. Precisamos de menos fragmentação e de melhor coordenação.

Os diversos cenários sobre o futuro europeu obrigam-nos a equilibrar a influência de pessoas e instituições, de direitos e responsabilidades, de regulação e mediação. A Europa só poderá ser um factor de desenvolvimento, de justiça, de conhecimento e de cidadania se soubermos concretizar os seus valores fundamentais.

A minha convicção é a de que a lição dos pais fundadores europeus continua bem viva.

Como afirmou Robert Schuman: «A Europa não se fará de uma só vez, nem de acordo com um plano único. Far-se-á através de realizações concretas que criarão, antes de mais, uma solidariedade de facto.»

Eis o que continua actualíssimo e não devemos esquecer.

---

Conheci Francisco Lucas Pires e admirava o seu desassombro, a forma corajosa e convicta com que defendia as suas ideias. Era

um homem brilhante e com visão e por isso é uma honra para a Fundação poder acolher esta homenagem que em boa hora as Universidades Católica e de Coimbra entenderam levar a cabo.

Teremos oportunidade de ouvir duas palestras em matérias em que o Francisco Lucas Pires se distinguiu. Para terminar ouviremos testemunhos e intervenções de muitas personalidades e amigos que ao longo da sua vida com ele se cruzaram e que dele podem falar com conhecimento e sentimento.

Para a Fundação, o Francisco Lucas Pires é um exemplo excepcional de personalidades ilustres que foram nossos bolseiros e que comprovam que o nosso trabalho realmente compensa.

Muito obrigada.

Isabel Mota